



Duas mulheres, muitas inquietações e uma ideia: o resultado é este zine que você tem em mãos. Há um século mulheres não podiam sequer escrever algo e publicar, hoje ainda se espera que a maioria se dedique à coluna de moda e beleza e a credibilidade dos escritos femininos ainda é diminuída. Por isso cada uma dessas linhas é importante, aqui erguemos nossa voz que tantas vezes é silenciada e criamos um registro sólido das nossas pautas - podem abafar as falas, mas não se apaga as palavras.

O lugar é o punk e o contexto é o lixo de sistema que você está mandando se foder desde a pré-adolescência, capitalista e patriarcal. Só que o fuck the system já não cabe mais na realidade complexa e na rede de opressões e relações de poder que vivemos, passando por raça, classe, gênero e muitas outras variáveis. Como mulheres estamos muito mais fodidas do que os homens na sociedade, e isso se reproduz dentro do meio que alegamos ser contracultural. Não, não estamos conseguindo ser "diferentes" ou "melhores" que a merda lá fora, estamos vestindo os velhos preconceitos com um jaco cheio de patches e criando um fetichismo estético que não condiz com uma proposta revolucionária e Faça-você-mesmx. O feminismo tem aparecido nas discussões, o que poderíamos considerar um avanço, se não fosse completamente distorcido e prestando um puta desserviço. O machismo continua sendo o pilar dessa realidade, e sentimos isso na pele todos os dias. É por isso que trazemos esse zine até você, como uma contribuição para que o feminismo esteja presente na luta diária de todxs e possamos construir coletivamente um meio livre de opressão de gênero. Se não for útil pra você e o destino for a lata do lixo, faça o favor de repassar a quem tenha interesse. Se gostar, da mesma forma, passe para a frente e circule livremente a informação.

Não dá mais pra fugir, o tal "feminismo" está sendo discutido em todo lugar. É ótimo ver que finalmente as pessoas estão se preocupando com isso, que as mulheres estão se organizando e fazendo suas denúncias e que os homens não podem mais simplesmente ignorar. Por outro lado, a sensação nos últimos tempos é que estão fazendo cagada com o feminismo e espalhando a merda pra todo lado, tamanha a confusão de informações, o excesso de palavras de ordem que significam "porra nenhuma" e os discursos prontos dos "anarcomachos" ou "macharquistas" ("anarquistas" mais preocupados em defender os privilégios de machos, e pior, utilizando as palavras de ordem das mulheres feministas). Mas e aí, qual é a desse feminismo que tanto se coloca na roda, mas tão pouco se questiona?



Feminismo é apenas sobre mulheres?

Aqui já começam os erros de interpretação. A maioria das pessoas tem uma visão estereotipada do feminismo como uma luta só das mulheres, praticamente descolada das outras lutas, o "bagulho das mina" que ninguém tem nada a ver. Primeiro, é bom lembrar que as mulheres são metade da população mundial (na verdade, até um pouco mais que isso!), por isso o feminismo deve ser encarado como uma luta de todo mundo pela emancipação humana, juntamente com a luta pelo fim da sociedade de classes e todas as outras formas de opressão. Ou seja, as feministas não estão simplesmente defendendo o grupo "mulheres" e seus interesses, elas sabem que a libertação das mulheres é urgente para qualquer plano de libertação maior. A prova disso é o fato da dominação masculina sobre as mulheres ter sido a primeira forma de opressão da humanidade, anterior mesmo ao capitalismo! Vemos que as pessoas brisam muito quando "feministas" defendem, por exemplo, o ingresso de mulheres no Exército, de que adianta colocar uma mulher no poder para continuar oprimindo todas em um sistema patriarcal? O feminismo que nos interessa, enquanto libertárixs, é uma luta que se cruza com as questões de classe e raça. Enxergar o feminismo como "aquela luta ali das mulheres", faz com que o assunto seja colocado de lado, com o velho discurso de que "a gente vê isso aí depois da revolução". O fato é que o feminismo é essencial para a revolução que tanto se fala, é necessário para a mudança radical das relações humanas. Como anarquistas, reconhecemos o meio como o próprio fim, ou seja, é a nossa prática que constrói, daí a importância de um novo olhar sobre o feminismo como algo que diz respeito a mim, a você e a todxs nós.



Por que o feminismo é essencial na luta anticapitalista?

Basicamente, porque não tem capitalismo sem patriarcado. Tá, é fácil dizer isso e muita gente diz, mas eu juro que tenho um bom argumento e vou pedir sua paciência pra ler agora (não deu pra ficar menor que isso, gente). O lance é que os homens começaram a dominar as mulheres antes do capitalismo, sendo

reconhecida como a primeira forma de opressão da humanidade: o famoso **patriarcado**. Todo mundo já ouviu falar das sociedades matriarcais, mas o fato é que em um certo momento a deusa-suprema-mãe-terra foi derrotada por um deus branco barbudo. Como é que isso aconteceu? A explicação é que os homens passaram a controlar as mulheres quando descobriram seu papel na reprodução (tipo, olha, elas não são mais divinas porque meu esperma também participa!) e então começaram com a divisão sexual do trabalho, a partir da domesticação dos animais. Com os animais por perto, ninguém mais precisava caçar, então as pessoas se fixaram em uma propriedade e começou a tal família patriarcal. Nessa, as mulheres levaram a pior: foram obrigadas a ficar só no espaço doméstico, tendo que fazer todas as funções reprodutivas e cuidar da família, assim os homens podiam controlar a vida delas e garantir a paternidade – aquela história do filho bastardo começou aqui. Tudo o que era trabalho reprodutivo (maternidade, cuidado com o lar, alimentação, saúde) era considerado menos importante, como falam hoje, “coisa de mulherzinha”, elevando o status das funções masculinas como a guerra e a própria política, que serviam pra defender a propriedade – trabalho de homem forte e viril, de preferência violento.

E como o patriarcado e o capitalismo se cruzaram?

O patriarcado era simplesmente perfeito para o capitalismo, porque homens dominando mulheres tinha tudo para dar muito lucro. O segredo está na tal divisão sexual do trabalho, que já fez metade do serviço sujo separando o que homem e mulher tinham que fazer e fodendo a vida das mulheres. Assim, o capitalismo

venceu separando a vida em público e privado, mandando os homens como mão de obra para as fábricas e fazendo as mulheres garantirem essa mão de obra cuidando da família e do lar. Isso sem falar nas mulheres trabalhadoras, que tinham a função dupla e se fodiam ainda mais. Era considerado "trabalho" só aquele feito

por homens na fábrica com o salário (ridículo, por sinal) no fim do mês, enquanto o trabalho das mulheres em casa era menosprezado, considerado "obrigação" justificada pela "natureza inferior" delas e pelo cristianismo. Elas viviam submissas

à vontade de pais, maridos e patrões, sofriam violência doméstica, estupros, não tinham acesso ao espaço público ou à educação e eram consideradas propriedades dos homens. Ser mulher significava ser mais uma mercadoria e ter um "dono", obrigada a parir herdeiros pra receberem a herança e continuarem se matando nas

fábricas pra encher o bolso dos capitalistas. Por isso, capitalismo é impensável sem o patriarcado, ambos funcionam juntos e precisam ser compreendidos como um sistema complexo baseado no sexismo, no racismo e no classismo, entre outras formas de opressão. A mulher no capitalismo é quem gera a mão de obra e cuida dela para que o Estado não se preocupe com mais nada!

Ok, mas não vivemos mais na revolução industrial. As coisas não melhoraram para as mulheres?

Pois é, a gente costuma ter a falsa impressão de que melhorou muito. Mas ainda hoje, mesmo tendo conquistado nossos direitos civis mínimos, sofremos com o reflexo desse passado na jornada tripla (emprego, cuidado da casa e dos filhos),

feminização da pobreza, números assustadores da violência contra a mulher, tráfico sexual e tantos outros problemas que nem chegaram perto de ser resolvidos. A mídia adora dizer que somos livres, poderosas e o caralho, mas na hora dos comerciais já nos manda de volta pro tanque pra vender sabão em pó. Podemos votar, mas a participação política é ridícula e prestam mais atenção na nossa bunda do que no discurso. Podemos escolher com quem trepamos, mas somos chamadas de vagabundas depois. E claro, podemos ter um emprego fodido, desde que a janta fique pronta e roupa das crianças esteja limpa. Por isso feminismo é tão básico e é impossível combater o Capital, estruturado nas nossas costas, sem combater também o patriarcado - ao mesmo tempo, com a mesma intensidade. É claro que não vamos conseguir aprofundar ou esgotar o assunto em único zine, mas o ponto principal agora é entender que o machismo é muito mais do que uma tradição ou algo que só alguns praticam, ou seja lá como tentem amenizar isso, ele está em **todxs nós** e é a base do capitalismo, um gigantesco pilar da sociedade de classes que precisa ser enfrentado urgentemente. Quem acredita na destruição do Estado, fim da autoridade e da propriedade privada tem que somar nessa luta. É por isso que falamos tanto e vamos continuar insistindo: anarquismo sem feminismo não faz sentido nenhum!



E o anarca-feminismo?

É difícil datar o início de alguma coisa na História, já que a História é uma construção humana e não uma verdade absoluta e indiscutível. Mas sabemos que o primeiro periódico a falar de "anarcofeminismo" foi o *La voz de La Mujer*, da Argentina, entre 1896 e 1897. O objetivo do jornal era dar voz às mulheres trabalhadoras, para contrapor o feminismo reformista da época que acabava surgindo entre as elites. O lema dessas mulheres era o famoso "**Nem deus, nem patrão, nem marido**". Elas escreviam contra toda a opressão masculina na luta proletária: as autoridades eclesiásticas, patrões, estado e família.

Essas mulheres vinham de uma linha anarcocomunista da luta proletária da Argentina e estavam contestando o patriarcado dentro do próprio movimento a que pertenciam, que até então estava voltado às questões gerais (lê-se, à versão dos homens). Os homens anarquistas continuavam oprimindo suas companheiras de luta e secundarizando questões relacionadas à família e à opressão das mulheres. Virgínia Bolten e suas companheiras, portanto, estavam lutando não apenas contra a opressão de seus próprios companheiros, mas por um mundo realmente libertário: pelo fim do patriarcado, da família, e de toda a autoridade que controlava suas vidas, questões essas que o movimento anarquista não pautava de forma representativa às mulheres.



"A vosotras, compañeras de trabajo e infortunios, me dirijo a vosotras que sufrís como yo la doble esclavitud del capital y del hombre"



30 anos mais tarde, na Guerra Civil Espanhola, um grupo de mulheres teve uma iniciativa parecida, criando o grupo "Mujeres Libres". Juana Rouco Buela era uma companheira argentina, que inclusive tinha sido editora do *La voz de La Mujer*, e também estava na luta das mulheres anarquistas na Guerra Civil Espanhola.

Em 1971, foi escrito um manifesto anarca-feminista na Inglaterra, e podemos encontrar "zines" no mesmo período reivindicando o anarcafeminismo. Desde sempre, encontramos mulheres anarquistas reivindicando o termo. Então, afinal, **O QUE É ESSE ANARCA-FEMINISMO?**

Podemos entendê-lo como uma corrente anarquista do feminismo, que se propõe ir à raiz da opressão patriarcal para destruí-la (inclui-se o estado aqui também), pela liberdade humana. Afinal, se o anarquismo não contempla a luta das mulheres anarquistas desde 1896 (pelo menos), e algumas correntes do feminismo não contemplavam as ideias das mulheres anarquistas, faz-se totalmente necessário o anarcafeminismo!

E cá estamos nós, em 2014 escrevendo um zine para o meio anarquista/libertário, para explicar o que é a luta das mulheres anarquistas. Minha sugestão para resolver esse impasse de mais de 100 anos é: precisamos todxs entender que o anarcafeminismo é uma luta das MULHERES, e é uma luta essencial para que o anarquismo possa destruir todo tipo de opressão e autoridade, para só assim, ser representativo para todxs.



Porque os homens não podem tomar à frente na luta feminista

Ok, já ficou claro que todxs precisam estar envolvidxs no feminismo, que a questão é muito complexa e já passou da hora de discutir decentemente. Agora precisamos falar sobre esse fenômeno recente que são alguns homens usando o feminismo pra se "blindarem" quando o assunto vem à tona. Caras, por favor, a última coisa que um homem apoiador do feminismo devia fazer é sair proclamando discursos feministas pra todo mundo ver, como quem diz "eu sou livre de machismo". Uma novidade pra vocês: NINGUÉM é totalmente livre do machismo, TODO homem é machista e ganha privilégios sociais com o machismo (mesmo em medidas diferentes) e TODA pessoa pode reproduzir machismo ainda que não seja homem, mesmo que seja vítima do próprio machismo.

Complicou? Um exemplo: você, homem, se diz feminista porque é a favor da "liberdade sexual da mulher", mas ao mesmo tempo acha que aquela menina que tirou fotos e vazaram na internet é "vagabunda", ou se aproveita para convencer meninas a fazer sexo porque é "libertário", mesmo que elas não estejam preparadas ou ainda estejam romantizando outro tipo de relacionamento com você.

Mesmo que você procure não ter esses comportamentos machistas, o privilégio é todo seu de trepar com quem quiser e nunca ser condenado ou julgado, então não adianta dizer que não é beneficiado. Ao mesmo tempo, uma mulher que chama outra de vagabunda não é "mais machista" do que nenhum homem, porque ela mesma se fode com isso, é ela quem vai ser apontada a vida inteira como vadia, vagabunda e puta e apenas caiu na lógica de reproduzir o mesmo preconceito para tentar se defender, se diferenciar da outra – mas a gente sabe que não funciona e feminismo serve pra alertá-las sobre isso.

Enfim, por mais que você queira apoiar o feminismo - e nós realmente esperamos isso dos companheiros ao redor -, a forma mais sincera de fazê-lo é mudando as

suas atitudes no dia a dia, e não se apropriando dos discursos das meninas e pagando de "feminista" por aí. Quando estoura alguma treta em que mulheres sofrem machismo da parte de alguns caras, os outros já se erguem para "defender" o lado delas. O resultado disso? Tudo o que os caras acabam fazendo é atravessar a organização das meninas e transformar tudo em uma treta regada à testosterona.

O ponto principal do conflito, que é o machismo da sociedade fodendo a vida delas, simplesmente se perde e vira um mísero pretexto pra descarregar rivalidade entre os caras. Não queremos nem pensar em quantos dos envolvidos na "defesa" das mulheres têm as mesmas atitudes que condenam nos outros, por exemplo, apontam quem compartilha imagens íntimas sem consentimento e ao mesmo tempo consomem pornografia de todo tipo e objetificam mulheres no seu dia a dia.

Será que só os "outros" cometem machismo ou só tiveram o azar de ser desmascarados antes? Será que esses episódios não deveriam servir para todos os caras se questionarem ao invés de revelar "heróis" e um bando de macho querendo se proteger atrás de discurso feminista quando a bomba estoura? Quem realmente se importa com as mulheres e o feminismo deveria começar questionando a si próprio, apoiar a articulação delas contra os caras, mas jamais tomar à frente da briga.

Esse tipo de situação deve ser protagonizada pelas garotas, ou, novamente, vira coisa de homem pra homem. Sinceramente, caras, botem a mão na consciência e vejam se faz algum sentido socar um maluco dizendo que é "porque ele é machista", além de ser mais reprodução daquela lógica de que mulheres precisam ser defendidas pelos homens, o clássico "mexeram com as nossas minas". O cara que tem respeito pelo feminismo não usa feminismo como instrumento pra se proteger e se promover, porque feminismo é sobre

autocrítica. Essa é a única ferramenta que ajuda as mulheres a se organizarem, combaterem o machismo e terem a participação que merecem nos espaços, então, por favor: chega de homens sequestrando o feminismo para os seus próprios interesses. Os espaços já são todos masculinizados, os caras já são maioria absoluta e já é a maior dificuldade do mundo pra qualquer mulher se inserir, não sejam mais um obstáculo pra emancipação que vocês tanto pregam.



Exotificação das mulheres no punk

Pois é, já tá mais que claro que esse zine é um dedo na ferida do meio libertário e punk. E não é porque queremos destruí-lo: é justamente porque somos mulheres nesse meio e estamos aqui gritando, berrando pelo nosso espaço, querendo construir. Nós não nos contentaremos com migalhas, com uma "frestinha" que os machos deixaram aberta para as minas ficarem quietas e se conformarem com a sua cota.

Independente de grupo, coletivo, cena ou meio, em todos os lugares é a mesma coisa: "aí, a banda das mina", "nossa, tu viu aquela baterista que gostosa?", "haha mal sabe tocar", "a banda até que é daora, mas achei muito forçada essa mina no vocal", e tantos outros comentários. Até mesmo os que pensam que estão dando algum tipo de apoio para banda de mulheres acabam nos exotificando/objetificando: com a sua surpresa ao ver uma banda só de mulheres, com a sua surpresa ao ver

mulheres tocando um som que até então estava restrito às bandas só de homens... Por exemplo: quando você procura uma banda de mulheres, você está preocupado em ouvir o que elas estão tocando e dar suporte, ou você acha que dar suporte é perguntar "e como é tocar numa banda de mulheres, hein? E como é que você se sente nos shows?".

Caras, acreditem: nós não formamos bandas só de mulheres para agradar vocês. De forma nenhuma isso tem a ver com vocês. Nós formamos bandas só de mulheres porque desde cedo nossos amigos nunca nos apoiaram para aprender a tocar alguma coisa, porque desde cedo sempre somos subestimadas no meio punk, porque desde cedo nos veem como coadjuvantes numa cena que supostamente é libertária e para todxs. Nós formamos bandas de mulheres porque temos a necessidade de falar sobre a opressão que sentimos, porque temos necessidade de apoiarmos umas às outras, porque temos a necessidade de nos sentirmos seguras para escrever letras e tocar em um espaço que ainda está engatinhando quando a questão é gênero.

Quando se trata de bandas de fora então, nem se fala... Tem coisa mais sexista e idiota que homens "se apaixonando" por minas de bandas? Nada é mais desgastante que fazer parte desse meio, montar uma banda para amplificar a nossa voz, e ser objetificada em todos os lugares, até por quem acha que é pró-feminista. Não é tão difícil simplesmente ver as bandas de mulheres como bandas formadas por pessoas como quaisquer outras, querendo fazer um som, construir junto com os espaços e se divertir. As bandas de minas tem um diferencial? Com certeza, porque é muito mais difícil pra gente e é sempre uma superação conseguir reunir mulheres pra tocar, por isso nós apenas exigimos respeito, e não algum tipo de atenção especial que acaba sempre caindo em sexismo barato.

Construir propostas contraculturais e revolucionárias é nossa única ferramenta, criar espaços seguros para que as mulheres participem disso é o mínimo que podemos fazer. As bandas são parte dessa construção, levantam a nossa voz, afirmam nossa identidade e disseminam informação – e isso não pode ser privilégio de homens quando falamos de uma proposta libertária. Por isso, manifestamos aqui o repúdio a todas as práticas que exotificam as mulheres no punk. Não somos "diferentes" das outras mulheres, não cabemos no seu "fetiche", tampouco estamos aqui pedindo confete. Estamos nessa pelos mesmos motivos que vocês, com um a mais: se a sociedade já marginaliza vocês, imagine como é sofrer ainda por cima com a opressão de gênero. Acreditamos em novas possibilidades através do punk, reconhecemos uma forma de expressão crítica, e não vamos permitir que o machismo contamine esse espaço e nos tire uma das poucas alternativas a uma realidade patriarcal e capitalista.





Femicrust: Blog de divulgação
de bandas female fronted/feministas
crust/punk.

Um projeto em conjunto com
este zine.

(www.tumblr.com/femicrust)

(www.femicrust.wordpress.com)



Crust/sludge punk feminista, São Paulo – Brasil.

Letra: A não-violência é patriarcal

Minha raiva e meu ódio
Armas legítimas da nossa luta
Não é você quem vai ditar
O caminho que vamos tomar

Pacifismo só favorece seu domínio
É com o monopólio da violência
Que o patriarcado triunfa
Lado a lado com o Estado

Você me quer dócil, passiva, racional
Seu privilégio foi erguido sobre minha culpa
Não seremos domesticadas pelo seu discurso
Levantaremos nossa voz e nossos punhos

Contra a brutalidade do patriarcado
Resistência feminista violenta



SOROR

Soror: Um projeto de
doom/dark ambient

experimental feminista

de Brasília – Brasil.



Contorture: blackened crust/punk
feminista da Suécia

Letra: Sexual Warfare

Rape and betrayal in our midst
You not war made this happen

We'll never go home
Will never feel safe

The true fear is the dark
No shelter no refuge
Enough is never enough
In sexual warfare
Fear of the night
Bodies turned to weapons

We'll never go home
Will never feel safe

You can take this body
But it will not be me
Will it ever be over
I feel so hollow



Korp: D-beat crust/punk feminista da Suécia.



Las Otras, hardcore/punk feminista de
Barcelona – Espanha. A vocalista é
da antiga formação da lendária

Bulimia, aqui do Brasil.

Letra: Guerreros

Basta de seguir el juego
A los que compiten por ser los primeros
Los más fuertes
Los más conocidos
Luchando sólo por hacerse un sitio
Usando sus privilegios
Machitos y guerreros supermilitantes
Tu prepotencia enmascara a un farsante
No te voy a dar la voz
Cuando siempre me ignoraste
Tomando la iniciativa

No importó a quién pisaste
Gran orador, gran militante
Tan autosuficiente, tan arrogante
Tu política es autocomplaciente
La pose y la vanguardia del valiente
Tu discurso incendiario
Se contradice con lo que haces a diario
No necesitas nada más que a ti
La fuerza por la boca, el iluminado
No necesitas nada más que un nombre
Cada vez más solo y desquiciado



CONTATO: NEMMACHO NEMFACHO @ RISEUP.NET